

Avaliar a aprendizagem em larga escala: um grande desafio.

Maria Helena de Magalhães Dourado¹

Resumo: apresenta-se uma reflexão sobre o desafio implícito na construção dos testes para avaliação em larga escala das primeiras séries do ensino fundamental, na Bahia, considerando a magnitude do projeto de avaliação da Secretaria de Educação do Estado – em execução na Agência de Avaliação UFBA/ISP-FAPEX desde o ano de 2000 - e a realidade das salas de aula das escolas públicas da Bahia. Faz-se uma relação entre a avaliação e a melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos, considerando o cenário conhecido das escolas públicas no Brasil e notadamente na Bahia. Enfatiza-se que a avaliação da aprendizagem motiva a regulação das deficiências da aprendizagem

Palavras- Chave: Avaliação da aprendizagem; Ensino fundamental; Bahia.

INTRODUÇÃO

A Agência de Avaliação UFBA/ISP-FAPEX, em plena execução do Projeto de Avaliação do Ensino Fundamental na Bahia, concebido pela Secretaria de Educação do Estado, assume o grande desafio de avaliar, em larga escala, a aprendizagem dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental, o que se constitui também numa atividade inédita no estado.

Sem características classificatórias ou exclusivas e objetivando fazer uma leitura fundamentada da realidade do processo desenvolvido na sala de aula, o projeto visa o diagnóstico das carências de aprendizagem dos alunos, oferecendo ao professor a oportunidade de, conhecendo as dificuldades detectadas pela avaliação, poder imprimir o ritmo adequado às suas aulas com medidas reguladoras das deficiências nos domínios de conteúdo necessários ao pleno desenvolvimento da classe, como um todo, e dos alunos em particular. Mesmo sendo produzida externamente, todo o controle dos seus resultados é feito pelo professor da sala de aula e conseqüentemente pela escola.

O caráter inovador dessa vertente do projeto - juntamente com a abrangência do seu público alvo, com a freqüência em que deve se verificar a aplicação dos testes e com a heterogeneidade das classes com relação ao domínio dos requisitos necessários à alfabetização – torna essa avaliação um enorme desafio.

Desenhada para ser uma avaliação objetiva, baseada num teste com itens de múltipla escolha, ela assume também um caráter formativo pelo fato de subsidiar o docente com as informações que lhe permitirão a correção das deficiências dos alunos para o conseqüente ajuste do processo de aprendizagem. As informações advindas da avaliação, que o próprio docente corrige, se constituem no diagnóstico de que ele necessita para orientar o planejamento das ações pedagógicas de remediação em cada unidade ou período de ensino, uma vez que os testes desenvolvidos pelos especialistas de português e de matemática da Agência de Avaliação, com o assessoramento de professores em efetiva atividade nas séries a serem avaliadas, em escolas públicas baianas, são disponibilizados à escola bimestralmente.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: LEITURA ORIENTADA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.

A avaliação diagnóstica da aprendizagem, inicialmente prevista para alunos das quatro primeiras séries do ensino fundamental, foi aplicada, em julho e setembro de 2001, nas primeiras e segundas séries regulares e classes do CBA I de 1.490 escolas, em 130 municípios do estado, abrangendo um total de 240.411 alunos. O caráter diagnóstico e formativo dessa avaliação exige que ela demonstre se o aluno apresenta, no processo ensino-aprendizagem, um desempenho adequado ao que dele efetivamente se espera. A leitura que se faz da realidade da sala de aula, através dos dados obtidos, permite orientar o processo de aprendizagem, tendo-se em vista os objetivos instrucionais (descritores) definidos para que o professor possa observar se o aluno evidencia a competência necessária ao domínio dos conteúdos trabalhados. Assim, ela "auxilia no esclarecimento das metas e dos objetivos educacionais importantes e consiste num processo de determinação da medida em que o desenvolvimento do aluno está se processando da maneira desejada" (HAYDT, 1997, p.13)

A avaliação da aprendizagem, buscando a reconstrução do processo, reveste-se de um caráter formativo, uma vez que possibilita o diagnóstico da realidade da sala de aula, disponibilizando aos professores as informações relativas ao desempenho dos seus alunos e evidenciando as dificuldades referentes à ausência de habilidades para o domínio dos conteúdos essenciais à série na qual eles se encontram. Os seus resultados apresentam as dificuldades por domínio de conteúdo e facilitam a identificação das causas do insucesso, apontando as carências de atividades de remediação e informando sobre a necessidade de "...adequação da realidade às expectativas" (HADJI, 2001, p.68). O fundamento dessa avaliação está no conhecimento dos descritores da competência do aluno, o que, de acordo com Hadji (2001, p.45), significa

realizar uma leitura criteriosa da realidade, “[...] orientada por uma grade que expressa um sistema de expectativas julgadas legítimas, que constitui o referente da avaliação” .

O ato de avaliar, portanto, pressupõe a definição dos descritores (objetivos instrucionais) que evidenciam os comportamentos observáveis do aluno no que se refere à demonstração de habilidades decorrentes das competências necessárias ao domínio do conteúdo ensinado. Os descritores nortearão o diagnóstico da realidade dos alunos, no decorrer do processo ensino - aprendizagem, subsidiando o professor com os dados necessários ao planejamento e realização de atividades corretivas desse processo, ou seja, de um programa de remediação consistente e apropriado a cada situação diagnosticada. Nesse contexto, segundo Haydt (1997, p.21-22)

“[...] a avaliação tem uma função de realimentação dos procedimentos de ensino (ou *feedback*) à medida que fornece dados ao professor para planejar o seu trabalho docente, ajudando-o a melhorar o processo ensino - aprendizagem”.

A melhoria se realiza através do ajuste do processo, o que Perrenoud (1999, p.80) chama de regulação da aprendizagem, enfatizando que essa regulação para ser efetiva deverá estar fundamentada numa avaliação que forneça ao docente as informações da realidade do processo, informações essas que ele possa interpretar devidamente e com base nas quais ele venha a interferir adequadamente, e no devido tempo, no andamento do processo para correção das distorções.

Nessa perspectiva, a avaliação da aprendizagem ressalta a necessidade do vínculo entre as duas ações essenciais ao sucesso da escola: diagnóstico do processo e ajuste da aprendizagem. Hadji (2001, p.123-124) baseando-se em Jean Cardinet, confirma a necessidade desse vínculo, chamando a atenção para as referências de uma remediação eficaz e enfatizando a importância de ações proativas que favoreçam a “[...] realização mais desejável do esquema (*feedback*>julgamento>ajuste)” o que se constituiria numa remediação planejada com vistas a incluir novas e diferentes atividades capazes de consolidar o domínio do conteúdo e aprofundar o conhecimento indicativo da competência. Assim Perrenoud (1999), citando Wiggins afirma que “[...] A avaliação deve contribuir para que os estudantes desenvolvam mais suas competências”. Portanto, a remediação, decorrente do diagnóstico propiciado por uma avaliação eficiente, permitirá a aplicação de atividades diversificadas para atender as dificuldades individuais e para desenvolver as competências necessárias ao domínio dos conteúdos ainda não assimilados.

DESCRITORES DA COMPETÊNCIA DO ALUNO: A REFERÊNCIA PARA A AVALIAÇÃO

A primeira atividade técnica da avaliação da aprendizagem do Projeto de Avaliação, ocorrida em outubro de 2000 e realizada pela Agência de Avaliação, foi uma oficina pedagógica que objetivou a definição do quadro de especificações para os testes de português e matemática das séries do primeiro ciclo do ensino fundamental, tendo como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs, os indicadores da aprendizagem do Ciclo Básico de Aprendizagem- CBA I, para as duas séries iniciais, os programas dos livros didáticos adotados em cada uma das séries e os planos de cursos dos setenta professores das duas disciplinas, desse ciclo, convidados a participar da oficina. Os descritores definidos por esses professores passaram a compor a tabela das especificações dos testes da 1^{a.}, 2^{a.}, 3^{a.} e 4^{a.} séries.

Essa tabela contém os descritores das competências que se espera os alunos evidenciem, no decorrer do processo ensino-aprendizagem, descrevendo detalhadamente cada uma das habilidades a serem desenvolvidas com vistas ao domínio do conteúdo ensinado. A maioria dos professores, participantes da oficina pedagógica, representava a rede pública estadual e municipal, da capital e do interior do estado, tendo participado também, professores da rede privada de Salvador.

No período correspondente a 15 dias de trabalho, foram definidas a abrangência e seqüência dos conteúdos de cada uma das séries, identificando-se os domínios desse conteúdo, estabelecendo-se as competências necessárias à assimilação dos conteúdos trabalhados e descrevendo-se as habilidades decorrentes dessas competências, o que, em resumo, vem a ser a capacidade, isto é, o saber fazer a ser demonstrado pelo aluno no desenvolvimento do seu processo de aprendizagem.

Obtiveram-se, com esses procedimentos, os descritores das competências esperadas para os alunos do primeiro ciclo, com exemplos para cada um deles. O passo seguinte foi relacionar cada descritor com os objetivos nacionais do ciclo, presentes nos PCNs, bem como com os indicadores da aprendizagem do CBA I. As habilidades descritas constituem a referência para a elaboração dos itens dos testes, atividade que se realiza também em oficina pedagógica, com a participação, do mesmo modo, de professores atuantes em escolas das redes pública e privada do estado como construtores dos itens.

Considerando a inexistência de um currículo nacional ou de uma referência curricular regional para subsidiar os planos de curso dos professores, os descritores, devidamente exemplificados, podem ajudar consideravelmente os professores no planejamento das atividades de sala de aula ainda que de modo algum possam substituir o currículo. Assim, o processo de elaboração do teste

de avaliação, tendo como referência os descritores, vai ao encontro da afirmativa de Hadji (2001, p.16), quando diz que:

“[...] A avaliação, em um contexto de ensino, tem o objetivo legítimo de contribuir para o êxito do ensino, isto é, para a construção desses saberes e competências pelos alunos”.

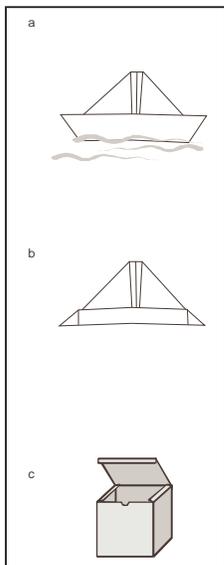
De posse do conhecimento das habilidades requeridas para que cada aluno demonstre competência no domínio de determinado conteúdo, o docente poderá direcionar o seu trabalho para o desenvolvimento adequado das potencialidades dos alunos, observando a que distância cada um deles se encontra da meta a atingir ao final de cada unidade do processo ensino aprendizagem e procurando desenvolver um plano de trabalho afinado com essas expectativas.

Com a intenção de auxiliar os professores, nessa tarefa, a Agência de Avaliação organizou inicialmente a Matriz de Referência para 1ª. e 2ª. séries /CBA I, onde estão relacionados todos os descritores das competências requeridas para as duas primeiras séries do primeiro ciclo, todos exemplificados com exercícios práticos, também elaborados pelos professores participantes da oficina para definição de descritores. Essa Matriz de Referência, ao abordar os conteúdos de português, apresenta-se dividida em dois grandes domínios, passíveis de serem avaliados por meio de uma prova objetiva, composta por itens de múltipla escolha, sendo que para a primeira série e CBA i foram definidos os domínios Pré-leitura/Audição e Leitura/Escrita, e, para a segunda série e CBA s também foram definidos dois domínios: Leitura e Leitura/Escrita.

O fato de, na primeira série e CBA i, enfatizar-se a pré-leitura é devido à constatação de que os alunos, na sua maioria, não dominam os pré-requisitos indispensáveis à leitura, o que torna as classes muito heterogêneas no que se refere ao nível desejado de alfabetização em crianças na faixa dos sete a oito anos de idade. Infelizmente, nas escolas do estado, de modo geral, as crianças ingressam na primeira série ou CBA i, sem jamais terem freqüentado a pré-escola, o que as distancia indubitavelmente dos livros didáticos elaborados para esse momento de aprendizagem e mesmo dos objetivos nacionais apresentados nos PCNs. A heterogeneidade das classes da primeira série exige que a avaliação seja construída, principalmente na primeira unidade ou período de ensino, com o cuidado especial de verificar se as crianças já desenvolveram as habilidades de compreensão de pequenos textos, através da audição e visualização de gravuras, bem como se evidenciam todos os pré-requisitos essenciais à leitura e à escrita que são efetivamente trabalhados na pré-escola.

Considerando que os alunos da primeira série, na sua maioria, não desenvolveram, ainda, as habilidades de leitura, o enunciado dos itens é lido

pelo professor que recebe um caderno com as orientações específicas para esse fim. Os itens de teste são apresentados da forma que se segue, sendo que, no caderno de respostas do aluno, terão a forma vista do lado esquerdo, mostrando apenas o estímulo, quando existe, e as alternativas:



Vamos para a página com a estrelinha número 26.

> Verifique se todos os alunos estão na página correta.

Ouçam o texto com atenção.

> Leia pausadamente.

Brinquedos

Eu fiz de papel dobrado / Um barquinho e naveguei.

Fiz um chapéu de soldado / E soldadinho — marchei.

Fiz avião, fiz estrela / Embarquei dentro — voei.

(Elza Beatriz. A menina dos olhos, Miguilim. In; Assim aprende ortografia. São Paulo: Ática, SP, 1994)

Agora, observem as gravuras com atenção.

> Verifique se todos estão observando as gravuras.

O que foi feito com o papel dobrado para navegar?

Marquem com um X a resposta certa.

Após todos terminarem, continue.

Tendo sido os descritores definidos por professores, em pleno exercício nessas séries, eles sintetizam a realidade e a prática pedagógica da sala de aula, retratando efetivamente o conteúdo que está sendo trabalhado pelos docentes. A avaliação é, então, aplicada para diagnosticar quanto desse conteúdo está sendo absorvido e indicar os acertos e erros do processo de ensino - aprendizagem, tendo uma dimensão de comunicação em consonância com a afirmação de Menga Lüdke (*apud* Franco, 2001, p.29) que, referindo-se ao papel desempenhado pela avaliação no ensino fundamental, ressalta:

“[...] ela exerce, por excelência, a função informativa, isto é, fornece informações para que professores e alunos conheçam os pontos fortes e fracos do processo de ensino - aprendizagem, fazendo com que ambos possam tomar as providências necessárias para que este se desenvolva com sucesso”.

O teste elaborado pela Agência de Avaliação, aplicado pela escola, corrigido pelo próprio professor da sala de aula e baseado na abrangência e seqüência de conteúdos específicos de cada período de ensino, é uma das ferramentas de

avaliação da aprendizagem que o docente dispõe durante o processo e, ao lado de outras avaliações que ele mesmo elabora a fim de conhecer todas as necessidades da classe, é mais um excelente subsídio para o diagnóstico e a interpretação da realidade.

A possibilidade de ação, mediante o diagnóstico proveniente de uma avaliação, faz, sem dúvida, com que essa atividade assuma um caráter formativo, propiciando a regulação do processo. O planejamento pelo professor de atividades remediadoras das deficiências da aprendizagem é também uma preocupação deste projeto que disponibiliza também às escolas e aos professores uma série de vídeos didáticos, elaborados com a orientação técnica dos especialistas da Agência, que apresentam sugestões de atividades de remediação para auxiliar os professores no seu planejamento.

O esforço empreendido pela equipe da Agência de Avaliação objetiva colaborar, da melhor forma, para garantir a aprendizagem qualitativa do aluno da rede pública baiana, o que é um direito constitucional de todo cidadão brasileiro. Em total concordância com Pedro Demo (1999, p.9) “[...] O ponto de partida e o final de tudo é o direito do aluno a aprender bem, com qualidade formal e política”. Avaliar para diagnosticar a realidade, sem nenhuma intenção punitiva ou de exclusão, visando apenas à correção das distorções da aprendizagem, atende plenamente a esse princípio de cunho social.

Ao avaliar em larga escala a aprendizagem de alunos do ensino fundamental, objetiva-se saber quanto dos conteúdos previstos para cada série específica, considerando-se uma norma preestabelecida, isto é, o que é importante que todos os alunos assimilem em cada unidade ou período de ensino, foi efetivamente aprendido. Pode-se concluir, após a avaliação, que alunos estão acima ou abaixo dessa norma. O “feedback”, obtido com o resultado do teste, permite o conhecimento dos alunos que se encontram com o desenvolvimento aquém do esperado e que, portanto, precisam de remediação da aprendizagem. O formato de teste considerado como o mais conveniente para avaliar, em uma única aplicação, a aprendizagem de todo o conteúdo trabalhado em cada período, com a evidência de todas as habilidades desenvolvidas, é o de múltipla escolha uma vez que ele é mais fácil e objetivamente corrigido e pontuado. Tendo em vista a objetividade desse tipo de teste, com ele a avaliação se limita apenas aos domínios relativos à leitura e habilidades que são concernentes tanto à leitura quanto à escrita, não abrangendo a verificação de habilidades de expressão oral e de produção de textos

A elaboração de teste para as primeiras séries do primeiro ciclo do ensino fundamental é desafiadora e exige cuidado especial, tendo em vista os aspectos já mencionados, além de todas as dificuldades encontradas na

operacionalização da aplicação do teste e principalmente na complexidade representada pela heterogeneidade das classes.

CONCLUSÃO

Instituir a cultura de avaliar para recuperar a oportunidade de efetiva assimilação dos conteúdos já trabalhados, com o cuidado de revestir toda e qualquer ação avaliativa de um caráter educativo para que as atividades subseqüentes à avaliação sejam efetivamente formativas, é, sem dúvida, o maior desafio a ser vencido. Aprender é, antes de tudo, formar competência, como advertem muitos pensadores da educação. Formar competência é responsabilidade da escola. Com as características de uma pesquisa diagnóstica, a avaliação é um instrumento para verificação do alcance dos objetivos instrucionais e da efetiva formação de competências. Segundo Demo (1999, p.17), “[...] serve como instrumentação para refazer a rota de inclusão do aluno, garantindo-lhe o direito ao desempenho qualitativo considerado satisfatório, pelo menos”. Nesse sentido, a avaliação, ainda que não seja a única forma de intervenção na qualidade da realidade da sala de aula, deve constar permanentemente de toda proposta que vise a qualidade do ensino.

A resposta das escolas, quanto aos desdobramentos de ações pedagógicas relativas aos primeiros testes aplicados nas 1.490 escolas no território baiano, já começou a ser dada e ela é animadora no sentido de que indica um grande interesse por parte dos professores e diretores de escolas na sua aplicação. Do universo total abrangido, 59.3% das escolas já se pronunciaram positivamente. Espera-se, com a finalização do recebimento de todas as respostas, que a Agência tenha uma primeira visão dos efeitos dessa avaliação.

Foram muitas as dificuldades enfrentadas também para a aplicação dos testes, tendo em vista o universo de escolas na imensa extensão territorial baiana, a falta, em muitos casos, de meios para facilitar a comunicação da Agência com as escolas e os dados imprecisos do universo a avaliar. Todos esses fatores compõem também o perfil desafiador desse tipo de avaliação.

Para o ano de 2002, está prevista a aplicação da avaliação da aprendizagem, na Bahia, em 2.911 escolas de 274 municípios, abrangendo um universo de 758.430 alunos distribuídos pelas quatro séries do primeiro ciclo do ensino fundamental.

Ainda citando Pedro Demo (1999, p.9) e finalizando esta reflexão, o olhar propedêutico que ele lançou sobre a avaliação o fez iniciar o seu livro informando ao leitor que a face propedêutica da avaliação consiste na “[...]

importância de *construir a capacidade de avaliar de maneira reconstrutiva*” e encerrá-lo dizendo:

Juro que, por aceitar o uso da nota da avaliação, não me tornei nem empirista nem direitista, e muito menos neoliberal !

O número – neste caso – é usado só para exalar um concerto articulado de qualidades, de sentido diagnóstico e com a finalidade do adequado prognóstico.

Se não contribui para melhorar a aprendizagem do aluno, com qualidade formal e política, não tem nenhum sentido (DEMO, 1999, p.60)

AGRADECIMENTOS

Cumpro agradecer a todos que, direta ou indiretamente, e, com muita determinação, contribuem para que a Agência de Avaliação UFBA/ISP-FAPEX, recentemente implantada, possa estar enfrentando e vencendo os desafios que lhe são impostos pelo audacioso Projeto de Avaliação do Ensino Fundamental na Bahia, que ora implementa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CROCKER, L.; ALGINA, J. **Introduction to classical and modern test theory**. New York: Holt, Rinehart, Winston, 1986. 527 p.

DEMO, Pedro. **Avaliação sob o olhar propedêutico**. São Paulo: Papyrus, 1999. 160p.

FRANCO, C. **Avaliação, ciclos e promoção em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 172 p.

GLEN, W. **Cutlip**. [S.l.]: Series Ed., 1998. 36 p.

GULLO, Dominic F. **Understanding assessment and evaluation in early childhood education**. New York: Teachers College Press, 1994. 145 p.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 136 p.

HAYDT, Regina C. *Avaliação do processo ensino- aprendizagem*. São Paulo: Ática, 1997. 159 p.

KUBISZYN,T; BORICH, G. **Educational testing and measurement.** New York: Wiley, 1999. 530 p.

MCTIGHE,Jay; FERRARA, Steven. **Assessing learning in the classroom.** Washington, DC.; National Education Association, 1998.

OSTERLIND, Steven J. **Constructing test items:** multiple-choice, constructed response, performance, and other formats. Boston: Kluwer Academic Publishers, 1998. 339 p.

PERRENOUD, P. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 183 p.

Abstract: this article presents a reflection on the challenge of constructing tests for a large scale assessment of the beginning classes in the basic teaching stage in public schools of the State of Bahia Brazil, having in mind the huge scope of the Assessment Project, conceived by the Secretaria de Educação do Estado da Bahia, that the Agência de Avaliação UFBA/ISP-FAPEX is implementing, since 2000, and the reality of the learning process in the classrooms of the public schools in Bahia. It intends to make a relation between the assessment activities and the improvement of the quality of the student's learning capacity. It also emphasizes that the learning assessment project helps the teacher to identify the weakness of the learning process in order to implement a remediation program.

Key words: Learning evaluation; Ensino fundamental (PASSAR PARA O INGLÊS); Bahia.

Autora:

¹ Maria Helena de Magalhães Dourado.
Licenciada em Letras com especialização em Desenvolvimento de Recursos Humanos. Coordenadora e especialista do Núcleo de Português da Agência da Avaliação UFBA/ISP-FAPEX.

Endereço Postal: Rua Caetano Moura, 107 – Federação. 40210-341. Salvador/BA.

E-mail: hdourado@ufba.br